

Os psiquiatras e a recepção da psicanálise no Rio de Janeiro (1914-1944): recorte cronológico, atores, fontes e horizontes de expectativas

RAFAEL DIAS DE CASTRO*

O objetivo de minha tese é compreender e delinear a recepção e apropriação da psicanálise no Rio de Janeiro para a construção de projetos que visavam uma solução para permitir ao Brasil adentrar ao mundo moderno e civilizado. Meu foco são os psiquiatras e suas leituras da teoria de Freud, vislumbradas através da publicação de livros, artigos científicos e palestras ao público médico e leigo (pelo rádio, jornal, na Associação Brasileira de Educação, nas Sociedades Médicas). Meu recorte temporal se inicia no ano de 1914, quando Genserico Aragão de Souza Pinto defendeu sua tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com o título: “*Da psicoanalise: a sexualidade das neuroses*”. Sua tese é considerada pelos médicos seus contemporâneos, e também pela historiografia sobre o tema, como o primeiro esforço sistemático de divulgação e emprego dos princípios freudianos em território brasileiro. Em meados da década de 1940, porém, a psicanálise começa a mudar de características no Rio de Janeiro. Dentre os fatores que contribuíram para essa mudança, está a criação do Centro de Estudos Juliano Moreira (1944), fundado por jovens psiquiatras ligados ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, insatisfeitos com a psicanálise ensinada na Faculdade de Medicina pelo professor Henrique Roxo.¹ O interesse de tais psiquiatras deslocava-se para o anseio de vinculação à IPA (International Psychoanalytical Association) para formação técnica e especialista, fato que já havia sido alcançado pela Sociedade de Psicanálise de São Paulo em 1937.² Outro fator que preponderou para a mudança de características foi o fim de projetos coletivos baseados em pressupostos raciais e eugênicos, devido aos contornos que a Segunda Guerra Mundial tomava, com a derrota da Alemanha nazista e

* Doutorando em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz (RJ), sob a orientação da Prof. Dra. Cristiana Facchinetti.

¹ Foram seus fundadores: “*José Affonso Netto, Danilo Perestrello, Elso Arruda, Julio Paternostro, Oswaldo Domingues de Moraes e Walderedo Ismael de Oliveira. A esse grupo inicial, vieram se juntar mais tarde, José Leme Lopes, Souza Vianna, Januário Bittencourt, Mário Pacheco de Almeida Prado e Marialzira Perestrello*” (PONTE, 1999, p. 80).

² A padronização proposta pela IPA compreendia a análise didática, o ensino teórico e o trabalho clínico supervisionado. Tal sistematização da formação psicanalítica tem início no trabalho desenvolvido, a partir de 1920, no Instituto Psicanalítico de Berlim e foi oficializada como modelo da Associação Psicanalítica Internacional no Congresso de Bad-Hamburg, em 1925. Para mais, conferir: PONTE, 1999.

a repulsa aos atos empreendidos por aquele país, cerceados por discursos de eliminação das raças consideradas inferiores. Desta forma, passava-se então a refletir sobre as especificidades das Nações a partir de questões culturalistas, abandonando as explicações racialistas.

Mas qual o contexto em que a psicanálise foi recebida no Brasil? Quem eram os psiquiatras que receberam e se apropriaram da teoria psicanalítica no Rio de Janeiro? Quais eram seus interesses e expectativas? O que vem a ser o projeto destes psiquiatras para um Brasil moderno e civilizado?

Aparatos teórico-metodológicos para a pesquisa sobre a recepção da psicanálise no Rio de Janeiro

Ao iniciar o estudo sobre a recepção da psicanálise no Rio de Janeiro, é necessário salientar que o historiador não pode e nem deve julgar ou ajuizar a maneira como determinada obra é entendida pelos leitores, nem valorizar determinadas recepções (julgadas mais corretas ou próximas dos originais) em detrimento de outras: “It is not only rare but almost forbidden that a literary historian should hold judgments of quality concerning the works of the past ages”. (JAUSS, 1982: 5)

A partir desta constatação, a metodologia, os conceitos e terminologias da *Estética da Recepção* podem ser esclarecidos, pois se delimita o princípio-chave de tal proposta: não existem interpretações falsas ou corretas quando se fala em recepção de textos, mas sim que a *experiência estética* na *recepção* de determinado texto perpassa não somente pelo *horizonte de expectativas* do produtor e receptor, como também pela *compreensão do sentido do texto* que se revela a partir da práxis histórica e social de onde este é produzido e recebido:

Quem deseja apreender as condições de diferentes constituições do sentido sobre um texto deve pesquisar *as interações entre um autor e seus leitores*, pois *a ação social do autor é tanto condição para a compreensão do texto pelo leitor, como a ação social, provável dos leitores, age como premissa para a produção textual do autor*. (GUMBRECHT, 2001: 175)

Acompanhando o estudo de Alejandro Dagfal (2004), percebe-se a necessidade de explicar, também, que entre os textos pertencentes ao campo literário e aqueles que pertencem ao campo da psicologia existem diferenças:

Aunque el simple placer estético no sea su objetivo principal, la producción y recepción de este tipo de textos [textos psicológicos] también están condicionadas por los cánones literarios de cada época, que determinan en el

lector una cierta afinidad o un rechazo que no pueden explicarse solamente por razones inherentes a los «contenidos teóricos». Es que en el estilo de enunciación de las ideas, en su articulación, en su forma misma, ya hay en juego algo del orden de lo estético que, independientemente del «contenido propiamente dicho», favorece o no la aceptación de determinados enunciados. (p. 12)

De acordo com Dagfal, quando um autor escreve uma obra de psicologia o faz por razões e interesses intelectuais que são muitas vezes sociais e idiossincráticos, além de serem compartilhados pelos pares: “Parafrazeando a Jauss, podría decirse que todo autor es en primer lugar un lector, que como tal está atravesado por la fusión de un horizonte de expectativas disciplinar y otro horizonte de expectativas más general, propiamente social” (p. 13). Sendo assim, segundo ele, interessaria reconstruir tais horizontes de expectativas: “A partir de allí podrán entenderse operaciones de lectura que, en otro tiempo o en otro lugar habrían resultado descabelladas, omisiones imperdonables o sincretismos que habrían parecido ridículos” (p. 16).

Neste sentido, deve-se observar o horizonte de expectativas interno ao texto e o horizonte de expectativa social. Nas palavras de Dagfal (2004):

Este concepto de horizonte, precisamente, es central para la estética de la recepción, e implica una doble bipartición en los planos diacrónico y sincrónico. Por um lado, permite una continua puesta en relación del presente y el pasado, ya que se aplica tanto al lector (en el momento que interpreta un texto) como al autor (en el momento en que lo escribe), lo cual abre a una continua tensión entre el texto del pasado y el horizonte del presente. Por otra parte, diferencia un horizonte de expectativas de tipo social, más general (sostenido por una precomprensión de la realidad cotidiana, del mundo y de la vida) y un horizonte más propiamente literario, regido por los códigos estéticos de la literatura de la época. De este modo, en el proceso de recepción, el sentido de una obra surge de una doble fusión de horizontes, que continuamente pone en relación dialéctica al presente con el pasado y a la literatura con la sociedad. (p. 11)

Determina-se, assim, que a recepção dos textos influi sobre o campo de experiência do leitor, da mesma forma que o conteúdo da obra e suas interpretações são vinculados ao horizonte de expectativas tanto do produtor quanto do público leitor. Hans Ulrich Gumbrecht, analisando os estudos sobre a recepção, propõe algumas condições para se avaliar a construção do sentido do texto, tanto pelo autor quanto pelo público leitor.

A perspectiva de Gumbrecht desenvolve-se num processo semelhante a estética da recepção de Jauss mas, de forma mais precisa, tenta proporcionar um aparelho terminológico para responder às questões vinculadas ao ato de recepção e de

constituição de sentido, ampliando assim os objetos e o arsenal metodológico proposto inicialmente por Jauss. Esta ciência da literatura fundada na teoria da ação (sugestão de Gumbrecht para a superação dos impasses da estética da recepção) não tem só como objeto os textos tradicionalmente literários, mas deixa entrever uma ampla consolidação metodológica de uma parte da prática de todas as disciplinas de orientação sócio-histórica: “porque, de um modo geral, o seu campo inclui o conhecimento social dos sujeitos da ação comunicativa, como condição, não tematizada em textos, das interações a que os textos servem de meio”. (GUMBRECHT, 2001: 181)

Para Gumbrecht (2001), a constituição de sentido, como produção do texto por parte do autor e a constituição do sentido como compreensão do texto, por parte do leitor, distinguem-se por aspectos básicos. Ambas as constituições do sentido são, contudo, ligadas por meio da possibilidade de serem descritas como ações e, de modo mais preciso, como ações reciprocamente relacionadas:

A função de cada texto precisa ser determinada pelo menos duas vezes; a primeira, como alteração do conhecimento de seus receptores, intencionada pelo autor (*função intencionada*), a seguinte, como alterações buscadas e realizadas pelos receptores quanto a seu próprio conhecimento (*necessidade/função realizada*). (p. 179)

Gumbrecht (2001) propõe que pela seqüência “vivência/experiência/ação”, se podem compreender as etapas do processo de constituição do sentido. O primeiro passo para a pesquisa sobre recepção é a leitura do texto a ser interpretado (obra), com o propósito de desenvolver problemas, a partir dos quais, por meio de exposições e testemunhos dos leitores, se podem colher informações sobre seu lugar na vida: “Devemos por exemplo poder avaliar aproximadamente quando o texto foi produzido, que posição social ocupam os interlocutores, a que servia o texto como meio, que experiências e motivos os uniam ou diferenciavam” (p. 183). O passo seguinte é realizar uma análise da estrutura, onde são indagados todos os fenômenos textuais, do ponto de vista de sua contribuição para a constituição do sentido intencionado e para a realização da alteração intencionada do conhecimento do receptor:

As doações de sentido realizadas por determinados leitores (ouvintes) a um texto e os motivos (necessidades) de suas ações de compreensão só poderão ser reconstruídos com uma certa margem de confiança ao dispormos de testemunhos, verbalmente articulados, de sua recepção. (p. 185)

Esse trabalho de reconstrução do sentido deverá dar acesso não somente aos esquemas de ação e de experiência do produtor do texto, como, além disso, para a reconstrução e para a comparação das constituições de sentido realizadas por diferentes leitores.

A recepção da psicanálise no Rio de Janeiro: recorte cronológico, atores, fontes e horizontes de expectativas

Ao desenvolver a teoria psicanalítica, Sigmund Freud ampliou aquilo que se entendia como psicologia na segunda metade do século XIX: a tradição da introspecção, onde o objeto era a consciência (amparada no cogito cartesiano). A idéia de Freud era propor uma psicologia que não entendesse o sujeito apenas no campo do pensamento (consciente), pois o psiquismo seria mais amplo. Desta forma, ele sugeria uma realidade psíquica além da consciência, com a existência de pensamentos cooperativos que o sujeito não teria consciência (sintomas, sonhos, lapsos, ato falho).³

A perspectiva freudiana se distanciava da teoria da degenerescência, que pressupunha uma progressiva degeneração mental conforme se sucedessem as gerações (Morel), e/ou que pressupunha um estado patológico em que os desequilíbrios físico e mental do indivíduo degenerado interrompiam o progresso natural da espécie (Magnan).⁴ A degeneração ocupava lugar destacado no campo médico psiquiátrico de então, pois quando não se conseguia reduzir a loucura ao modelo anátomo-clínico, o discurso da degeneração assumia o lugar de fundamento explicativo:

Foi através do desmonte do conceito de degeneração que Freud conseguiu enunciar que a sexualidade se sustenta num eixo definido pela oposição prazer-desprazer que constitui o conceito de pulsão. (Freud, 1905/1980, vol. VII). Tal proposta derruba a questão da reprodução e da funcionalidade da sexualidade e a vincula de modo fundamental à questão do prazer. (FACCHINETTI, 2004: p. 7)

Neste pequeno esboço, podemos perceber a importância de se determinar as expectativas de Freud e no que sua teoria se diferenciava das perspectivas então em voga. Neste sentido, refletindo sobre as características da recepção da psicanálise no Rio

³ Tais apontamentos foram realizados pelo Professor Dr. Joel Birman, em sua aula de Teoria Psicanalítica ministrada no curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da qual participei como aluno no primeiro semestre de 2010.

⁴ *Ibidem.*

de Janeiro, de que forma, porque e em que sentido ela pode ser entendida vinculada a teoria da degenerescência, tendo como principal enfoque a sexualidade enquanto reprodução da espécie? Se a psicanálise se distanciava da abordagem de tal teoria, como ela pode ser complementar à leitura psicanalítica realizada no recorte em questão? São leituras equivocadas ou podemos relacioná-las a experiências e expectativas diferentes (quicá opostas)?

Como ressaltou Jauss e Gumbrecht, é a partir da leitura e definição do campo de experiências e do horizonte de expectativas do produtor da obra, que se pode começar a avaliar sua recepção em contextos e tempos específicos. É necessário identificar tal momento para entender também como a experiência e as expectativas dos psiquiatras cariocas fizeram com que se interpretasse a psicanálise exatamente naquilo em que seu autor procurou se afastar: a relação com a teoria da degenerescência. Esse é o primeiro passo para descrevermos a recepção da psicanálise no Rio de Janeiro. O passo seguinte é identificar os leitores da obra de Freud.

Desse modo, a definição dos atores partiu, essencialmente, do levantamento de fontes, artigos e/ou outras publicações (livros e palestras), que indicaram vestígios da apropriação da teoria psicanalítica no Rio de Janeiro. Os periódicos consultados foram: *A Folha Medica* (1920-1944), *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* (1925-1939), *Arquivos Brasileiros de Medicina* (1911-1944), *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria* (1905-1942), *Boletim da Academia Nacional de Medicina* (1914-1944), *Boletim de Eugenia* (1929-1933), *Brazil Medico* (1910-1944) e *Imprensa Medica* (1927-1944).⁵

O que proponho é uma abordagem que parte dos atores para identificar o horizonte de expectativa dos psiquiatras da época e suas experiências na recepção da teoria psicanalítica. Dizer que eles estão interessados em transformar a população do Brasil em um povo civilizado, devido ao fato de possuírem o *status* social de uma elite médica e burguesa, diz pouco, principalmente porque o campo de atuação política e social desta elite no seio da sociedade carioca e o contexto do saber médico frente às demandas que o país apresentava naquele período, são cruciais para definir a estrutura

⁵ Os periódicos *A Folha Medica*, *Arquivos Brasileiros de Medicina*, *Boletim da Academia Nacional de Medicina*, *Brazil Medico* e *Imprensa Medica* foram consultados devido a sua relevância no contexto médico e acadêmico em questão. Os periódicos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria* e *Boletim de Eugenia*, além do motivo citado acima, também foram consultados por serem *locus* privilegiado das discussões dos médicos psiquiatras do período.

social no qual estes se inserem, ou seja, o horizonte social e o campo de experiência a que pertenciam. Pretendo, aqui, demarcar e apontar os caminhos que, ao longo de minha tese, serão importantes nas discussões sobre a recepção e apropriação da psicanálise no Rio de Janeiro.

Desta forma, tendo como base conceitos advindos da estética da recepção, percebe-se que, de 1914 (tese de Genserico Pinto) até aproximadamente 1926, o que se vê são apresentações, discussões e avaliações (positivas e negativas) da novidade teórica e prática da psicanálise, principalmente pelo viés terapêutico. Com a criação da *Liga Brasileira de Higiene Mental* (1923), o psiquiatra Julio Pires Porto-Carrero é chamado como responsável pelos assuntos relativos à psicanálise, e desenvolve com mais afinco seus estudos em tal teoria. Assim, o tratamento dado a tal conhecimento científico começa a se transformar no seio da psiquiatria carioca. Foi com o acelerado desenvolvimento do movimento sanitarista (a partir de 1918), aliado a um pensamento higienista e à crescente difusão do pensamento eugênico, que a psicanálise começa a ser inserida em debates acerca do desenvolvimento do país e da constituição do povo brasileiro. Por volta de 1927, passa-se a defender e projetar as possibilidades que a teoria psicanalítica oferecia para o conhecimento psiquiátrico intervir na população brasileira e moldá-la, para que pudessem, enfim, atingir o patamar civilizado. Essa perspectiva se mantém até meados da década de 1940, quando a psicanálise começa a mudar de características no Rio de Janeiro.

Não estou propondo marcos rígidos e precisos, pois a apresentação e divulgação da teoria se manteve até meados da década de 1940, assim como a inserção desta teoria nas técnicas de tratamento das doenças mentais. O que defendo é que existe uma coerência em determinados períodos na maneira como se apropria a teoria psicanalítica: divulgação e possibilidades de cura das doenças mentais, num primeiro momento; inserção, num projeto amplo, para definir a identidade da população e alçar-la ao patamar civilizado, num segundo momento; e declínio das diversas formas de apropriação de tal teoria, devido à criação do grupo de estudos e da institucionalização realizada junto a IPA.⁶

⁶ Roberto Sagawa, interessado no desenvolvimento da psicanálise em São Paulo, define da seguinte forma a recepção da teoria freudiana naquele contexto: “*Há uma diferença fundamental entre os precursores e os pioneiros. Enquanto os precursores tiveram um interesse apenas teórico pela nascente Psicanálise, os pioneiros já se interessaram, desde o início de seu envolvimento com a Psicanálise, pela ciência e pela profissão clínica*”. (SAGAWA, 2010). Chamo atenção para o fato de que os

No primeiro momento, se identifica um grupo de psiquiatras que apresentavam e discutiam a teoria psicanalítica: Antonio Austregésilo (1914; 1919; 1922), Juliano Moreira (1920), Henrique Roxo (1919; 1921), Afrânio Peixoto (1923), e o aluno de Austregésilo, Genserico Pinto (1914). Destes, Afrânio Peixoto questionava a teoria psicanalítica, Genserico Pinto se apropriava da teoria para o tratamento das neuroses e os demais apresentavam e discutiam a validade, as inovações, as aplicações e os limites de tal conhecimento.

Como se percebe, tais autores eram alguns dos principais psiquiatras cariocas do período. A importância de tais psiquiatras fica evidente na comissão da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, criada para elaborar uma classificação psiquiátrica brasileira:

Por proposta do Prof. Austregésilo foi designada uma comissão para apresentar um projeto de classificação de doenças mentais, o qual pudesse servir de base às estatísticas dos manicômios nacionais. Eleitos membros dessa comissão foram os drs. Eiras, Afrânio Peixoto, Austregésilo, Roxo e eu [Juliano Moreira]. (Apud: FACCHINETTI; VENÂNCIO, 2006: 152)

Genserico Pinto, enquanto aluno e discípulo de Austregésilo, foi o primeiro a sistematizar a teoria freudiana enquanto técnica no tratamento das doenças mentais. A este respeito, é interessante o depoimento de Juliano Moreira (1920):

Nos convencemos de que não era indispensável, pelo menos no momento, a publicação da revista crítica que havíamos feito a mandado da Sociedade Brasileira de Neurologia, e que, aliás, apenas se propunha a vulgarizar as ideias do venerado Professor de Vienna. Depois um interno do Prof. Austregésilo, o Dr. Genserico Pinto, fez da psycho-analyse materia de sua dissertação inaugural. (p. 366)

As expectativas destes intelectuais giravam em torno da definição de um campo de atuação da psiquiatria e no enquadramento das doenças mentais como responsabilidade da ciência psiquiátrica. Eles irão, por exemplo, tentar ampliar a autonomia da psiquiatria para além das fronteiras da instituição asilar, no intuito de implantação de um novo modelo de atenção à saúde mental no país.

Em relação à psicanálise, percebe-se que estes psiquiatras tinham como finalidade a vulgarização da teoria freudiana, apropriando-a em suas análises sobre o tratamento e enquadramento das doenças mentais. Como se percebe, tais estudos são

médicos dos dois estados têm diferentes expectativas ao se apropriarem da psicanálise. Mas o paralelo entre tais recepções pode contribuir na demarcação do meu objeto.

importantes por serem parte inaugural da literatura psicanalítica e por servir de fonte de consulta, poucos anos depois, aos psiquiatras que pretenderam sugerir projetos para um Brasil moderno apoiados nos preceitos psicanalíticos.

José da Costa de Medeiros e Albuquerque, membro da Academia Brasileira de Letras e homem de muito prestígio na cidade do Rio de Janeiro, não era médico. Entretanto, devido a sua importância no cenário carioca, pode realizar uma conferência (publicada nos *Archivos Brasileiros de Medicina* em 1919) na Policlínica no Rio de Janeiro apresentando a psicologia de Freud e suas teorias sexuais. Mesmo não se enquadrando no campo médico-psiquiátrico, suas exposições sobre Freud são cruciais para se discutir a recepção da psicanálise no Brasil por privilegiar uma abordagem centrada mais na teoria do que na aplicação médica, que não era seu campo de atuação. (MEDEIROS e ALBUQUERQUE, 1919; 1922).

Considerado o grande entusiasta da teoria psicanalítica em solo brasileiro, Julio Pires Porto-Carrero inicia, segundo ele próprio, seus estudos sobre a psicanálise em 1918. Em 1923, torna-se membro da *Liga Brasileira de Higiene Mental* e começa a estudar com afinco a teoria de Freud. Antes disso, no ano de 1922, ele publica um artigo pedindo a criação do serviço de neuropsiquiatria e medicina legal para a Marinha Brasileira, instituição na qual atuava como médico e professor:

O surto do progresso da psiquiatria brasileira ainda não encontrou, infelizmente, o devido eco na organização da Saúde Naval. A Marinha Brasileira ainda não possui uma clínica neuropsiquiátrica nos seus hospitais e muito menos um gabinete de psicologia experimental por onde passassem os candidatos ao serviço do mar e onde periodicamente retornassem os que já servem sob a bandeira. (PORTO-CARRERO, 1922: 181)

Neste artigo, a intenção de Porto-Carrero é instituir na Marinha uma consciência médica, para que tal instituição organizasse adequadamente seus serviços de saúde, criando um serviço de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Ao falar em psicologia, ele não menciona Freud, psicanálise ou outro aspecto vinculado a tal teoria.

Durante seus primeiros anos como membro da *Liga*, ele aprofunda seus estudos e começa a se tornar o grande entusiasta da teoria de Freud no Rio de Janeiro. Em 1926, ele divulga nos *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria* um texto onde apresentava os aspectos clínicos da psicanálise: “Não vou trazer novidade: apenas referir alguns aspectos clínicos da psicanálise, segundo se me têm apresentado no decorrer do exame e tratamento de alguns neuroticos”. (PORTO-CARRERO, 1926: 96)

Em 1927, diversos fatores corroboraram para que a psicanálise começasse a ser inserida em debates acerca do desenvolvimento do país e da constituição do povo brasileiro: o acelerado desenvolvimento do movimento sanitarista e sua perspectiva profilática, o pensamento higienista e a crescente difusão do pensamento eugênico no Rio de Janeiro, o surgimento da Sociedade Brasileira de Psicanálise instalada em São Paulo no mesmo ano (que definiu um local importante de discussão da teoria), o Decreto de 1927 que regulamentava a execução dos serviços de assistência aos psicopatas no Distrito Federal. Estas são algumas condições que, se não corroboraram diretamente, deixaram o cenário propício para uma leitura da psicanálise que visasse não somente o tratamento das doenças mentais, mas também a expectativa de defender e projetar as possibilidades que a teoria oferecia para o conhecimento psiquiátrico intervir na população brasileira e moldá-la, para que pudessem, enfim, atingir o patamar civilizado.

Entre 1927 e 1929, os livros de Deodato de Moraes (1927) (que não era médico, mas contou com a colaboração de Porto-Carrero para escrever seu livro) e de Porto-Carrero (1929) passam a ser referências àqueles que procuravam se apropriar da teoria psicanalítica. Relacionando psicanálise e educação, os autores observavam que os desafios encontrados pela pedagogia poderiam ser solucionados pela via psicanalítica. Porto-Carrero, apresentando o livro de Deodato de Moraes, afirma:

A psychanalyse vem resolver os fundamentos da pedagogia; alguma pedra ha de ficar de pé (...). Freud vem mostrar que o psychismo merece ser estudado, antes de educado, e que não é possível submeter a todos á mesma craveira, ou construir homens em serie, como faz Henry Ford aos seus automoveis (...). Os professores que amam a infancia, os educadores que amam a sua patria muito terão lucrado se lerem e meditarem as paginas que seguem (PORTO-CARRERO, 1927, p. 7).

Obviamente, nem todos concordavam com as opiniões expressas por tais autores. O educador Renato Jardim era um dos que criticavam alguns pontos sobre a aplicabilidade da psicanálise à educação. Para ele, o problema estava em que a psicanálise não colocava em questão nenhum dos problemas principais da educação: os fins (a educação como eminentemente social) e os meios (processo de ensino):

A Psychanalyse, com o aprioristico das suas interpretações, com as arrojadas hypoteses não verificadas em que se ergue, com o espirito mystico em que immerge e de que se nutre, não será jamais a orientadora da educação. Não ha no momento e não se prenuncia uma “pedagogia psychanalysta” (JARDIM, 1931, p. 6).

Percebe-se que o horizonte de expectativas daqueles que se interessavam pela psicanálise se transfere da simples vulgarização e/ou discussão da novidade teórica de Freud para a possibilidade que a teoria oferecia no enquadramento da identidade da população brasileira para a construção de um projeto para a mesma. No caso do exemplo acima, através da relação entre psicanálise e educação.

Outros vieses também foram seguidos por aqueles que se apropriavam da teoria psicanalítica. Com a criação dos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* em 1925 (tendo sido interrompida sua publicação neste mesmo ano, voltando somente no ano de 1929) e do *Boletim de Eugenia* (1929), a teoria psicanalítica passa a ter um local privilegiado de discussão, desenvolvimento e propostas. Nestes e em outros jornais e periódicos, passava-se a discutir soluções para os problemas do alcoolismo (NEVES-MANTA, 1932; AYROSA, 1934), da educação e da conduta sexual (EDITORIAL, 1930; AUSTREGESILO, 1934), dos casamentos e de suas proles (EDITORIAL, 1931; PORTO-CARRERO, 1931), da infância (RAMOS, 1933; 1934). Desta maneira, a leitura que se faz da psicanálise é ampliada de técnica da psiquiatria para tratamento das doenças mentais, em um método capaz de identificar os problemas nacionais e tratá-los de forma com que a população resolvesse seus problemas médicos, psicológicos e eugênicos.

Diversos livros também foram lançados, no intuito de demonstrar, a um público mais amplo, a importância da psicanálise no ajustamento e na prevenção dos problemas médicos e psicológicos da população (NEVES MANTA, 1932; PORTO-CARRERO, 1933; AUSTREGÉSILO, 1934). Muitos ainda procuravam divulgar a teoria, através de livros e artigos, reafirmando a importância da psicanálise para a psiquiatria e para a solução dos problemas sociais. Dentre eles, Gastão Pereira da Silva (discípulo de Porto-Carrero) foi o mais profícuo, publicando diversos livros (SILVA, 1931; 1934) e diversificando a aplicação da teoria (em 1934, por exemplo, Gastão Silva criou na revista “Carioca” a coluna ‘Psicanálise dos sonhos’, onde analisava sonhos que chegavam a ele através de cartas de leitores).

Em última instância, partindo de pressupostos psicanalíticos, o projeto destes psiquiatras definia quem se inseria dentro daqueles que consideravam passíveis de serem civilizados, daqueles que não se enquadravam. Ou seja, era uma leitura da teoria

psicanalítica vinculada à teoria da degenerescência, leitura essa a que Freud, desde o início, procurou se opor incisivamente.

Considerações finais

Em meio a debates a respeito da “função do médico no saneamento social” (BOCCANERA, 1932) e incorporada aos projetos de construção do modelo ideal para o brasileiro, alguns psiquiatras se apropriaram da psicanálise para que um projeto para civilizar o Brasil pudesse vir a ser proposto e alcançado. Neste sentido, a psicanálise pode ser vista como uma doutrina capaz de dar conta não só da explicação dos sintomas e das origens dos problemas mentais mas, sobretudo, da prevenção, detecção e correção dos mesmos.

Definido os atores e seus interesses, identifica-se com maior precisão o grupo dos psiquiatras interessados em se apropriar da teoria psicanalítica, assim como as expectativas que estes possuíam. Situando o contexto social e médico do período, percebe-se como a mudança de expectativas se dá dentro de um contexto do acelerado desenvolvimento do movimento sanitarista (a partir de 1918), aliado a um pensamento higienista e à crescente difusão do pensamento eugênico, onde a psicanálise começa a ser inserida em debates acerca do desenvolvimento do país e da constituição do povo brasileiro.

Proponho, com isso, que a difusão da psicanálise no Rio de Janeiro, nas décadas de 1920 e 1930, se deu através de discursos médicos psiquiátricos que tentavam dar conta de detectar, educar e corrigir os comportamentos da população brasileira considerados inconvenientes, com ênfase no tratamento (alcoolismo, criminosos) e na prevenção dos mesmos (infância, consultas pré-nupciais). Tais eram os projetos destes psiquiatras para o Brasil moderno, sendo a teoria psicanalítica fundamental para alcançar seus objetivos.

Referências bibliográficas

AUSTREGÉSILO, Antonio. *Conduta sexual*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1934.

_____. Debilidade nervosa. IN: *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal*, anno X, nº 1 e 2, 1914. p. 3-20.

_____. Psycho-analyse nas doenças mentaes e nervosas. In: *Archivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, ano 4, v. 1, n. 1/2, p. 87-114, agosto 1922.

_____. Sexualidade e Psico-Neuroses. In: *Arquivos Brasileiros de Medicina*, anno IX, Rio de Janeiro, 1919. p. 85-91.

AYROSA, Carneiro. O alcoolismo – suas raízes psicologicas segundo a psychanalyse. In: *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, anno VII, nº 1, janeiro-março de 1934. p. 17-26.

BOCCANERA, Silio. O medico em função do saneamento social. In: *Brazil Medico*, ano 46, número 53, 31 de dezembro de 1932.

DAGFAL, Alejandro. Para una “estética de la recepción” de las ideas psicológicas. In: *Frenia*, volume IV, nº 2, 2004.

EDITORIAL. Consulta pré-nupcial. In: *Boletim de Eugenia*, anno 3, nº 36, dezembro / 1931. p. 1.

_____. Inquerito sobre educação sexual. In: *Boletim de Eugenia*, anno 2, nº 24, dezembro / 1930. p. 1.

FACCHINETTI, Cristiana. Dr. Sigmund Freud: da neurologia à neurose. In: *XI Encontro Regional de História – ANPUH Regional – RJ, Grupo de Trabalho: Simpósio: História da Medicina*, 2004.

FACCHINETTI, Cristiana; VENÂNCIO, Ana T. Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. IX, 2006.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

JARDIM, Renato. *Psychanalyse e educação*. Resumo commentado da doutrina de Freud e critica de sua applicabilidade á educação. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931.

JAUSS, Hans Robert. Literary history as a Challenge to Literary Theory. In: *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1982.

MEDEIROS e ALBUQUERQUE, A. A psicologia de um neurologista – Freud e as suas teorias sexuais. In: *Arquivos Brasileiros de Medicina*, anno IX, Rio de Janeiro, 1919. p. 887-907.

_____. *Graves e Fúteis*. Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro, 1922.

MORAES, Deodato de. *Psicanálise e Educação*. Rio de Janeiro, Mendonça, Machado e Cia, 1927.

MOREIRA, Juliano. O pan-sexualismo na doutrina de Freud, pelo Prof. Franco da Rocha. In: *Brazil Medico*, ano 34, nº 23, 5 de junho de 1920. p. 365-366.

NEVES MANTA, Inácio. *A Psicanálise da Alma Coletiva*. Rio de Janeiro, Flores e Mano, 1932.

_____. Psychanalyse do alcoolista e therapeutica da psychose alcoolica. In: *Imprensa Medica*, ano VIII, nº 133, 20 de dezembro de 1932. p. 431-432.

PEIXOTO, Afrânio. *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*. São Paulo, Companhia Nacional, 1923.

PINTO, Genseric de Souza. *Da psicoanálise: a sexualidade das neuroses*. Tese defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1914.

PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola Nacional de Saúde Pública / Fundação Oswaldo Cruz. Outubro de 1999.

PORTO-CARRERO, Julio Pires. Aspectos clínicos da psychanalyse. In: *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, III e IV trimestres, 1926.

_____. É aconselhável um tal casamento? In: *Boletim de Eugenia*, anno 3, nº 36, dezembro / 1931. p. 1-2.

_____. *Grandezas e Misérias do Sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1929.

_____. Prefácio. In: MORAES, Deodato de. *Psicanálise e Educação*. Rio de Janeiro, Mendonça, Machado e Cia, 1927.

_____. *Sexo e Cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, Waissman, Koogan, 1933.

_____. Um serviço de Neuropsiquiatria e Medicina Legal para a Marinha Brasileira. In: *Folha Médica*, anno 3, nº 16, 15 de agosto de 1922.

RAMOS, Arthur. A técnica da psychanalyse infantil. In: *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, anno VI, nº 3, julho-setembro, 1933. p. 195-205.

_____. Os furtos escolares. In: *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, ano VII, nº 3, junho-setembro, 1934.

ROXO, Henrique. Doutrina de Freud. IN: *Manual de Psiquiatria*. (4ª Ed.) Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1946. (1ª Ed: 1921). p. 496-516.

_____. Sexualidade e demência precoce. In: *Archivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, 1º trimestre, 1919, p. 337-349.

SAGAWA, Roberto. Um recorte da história da psicanálise no Brasil. Disponível em: <http://www.cocsite.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigos1.pdf>. Acesso em: 15/08/2010.

SILVA, Gastão Pereira da. *A Psico-Analyse: ensaios*. Rio de Janeiro, Aderseb, 1934. 162 p.

_____. Para compreender Freud. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1931. 238 p.